Casos & .Causos

Por Nestor Leme

O Fecha Corpo

Moradores e visitantes participam do tradicional Fecha Corpo, celebrado na Sexta-Feira Santa, em Monte Alegre do Sul-SP | Arquivo Nestor Leme

São muitas as lembranças das Sextas-Feiras Santas do passado que carrego na minha memória. Lembranças das cerimônias religiosas, da comida que nossa mãe preparava para aquele dia especial, do respeito que o povo tinha pela Paixão e Morte de Jesus, e das imensas procissões do enterro do Mestre. E a tudo isso foi incorporado o costume profano do Fecha Corpo. E em que consiste esse costume, que perdura até hoje? O Fecha Corpo, costume de tomar cachaça misturada com guiné, arruda e outras ervas, tem histórias diferentes em cada lugar — sendo que cada um quer para si o título de ser o local onde o Fecha Corpo teve início.

Os vizinhos de Monte Alegre do Sul, hoje conhecida como a capital da cachaça, se vangloriam de ter sido lá o nascimento do Fecha Corpo. Dizem eles que, certo dia, Zezé Valente, conhecido cidadão sul-montealegrense, foi diagnosticado com um mal desconhecido e que nenhum dos médicos consultados encontrava meios para a cura.

Mas, um dia, surgiu na cidade um grupo de ciganos errantes, e uma das ciganas, sabendo do mal que Zezé sofria, chegou até ele, conversaram e, no final da consulta, a cigana lhe passou a fórmula hoje conhecida como Fecha Corpo: consistia em misturar pinga com ervas, deixar curtir e, se fosse tomada umas doses da mistura na Sexta-Feira Santa, certamente traria a cura de seus males.

Dizem que, a princípio, Zezé não acreditou muito na história, mas, mesmo assim, fez o tempero, esperou a coisa curtir e, chegando a Sexta-Feira Santa, ainda em jejum, começou o tratamento. Para sua alegria, funcionou, e em poucos dias estava vendendo saúde. Assim, resolveu passar adiante a fórmula milagrosa, temperando mais cachaça com as ervas e servindo ao povo nas Sextas-Feiras Santas seguintes. O costume tomou força, e hoje pessoas fazem fila para tomar a pinga temperada com ervas do Fecha Corpo de Zezé Valente, cuja morada, depois de sua morte, se tornou a sede do Fecha Corpo da cidade vizinha.

Porém, aqui na Serra, contam uma história diferente sobre a origem do Fecha Corpo. Na nossa versão, dizem que, assim que a italianada chegou ao Brasil, uma das coisas de que mais gostaram foi o costume de beber cachaça. Pois a nossa bebida, diferente da grappa — feita com bagaço de uva, que eles conheciam —, podia ser alambicada e bebida o ano inteiro.

Mas surgiu um problema: nas Sextas-Feiras Santas, as nonas não deixavam ninguém beber, dizendo ser pecado. Foi por isso que alguém inventou de colocar ervas na pinga, dizendo que assim ela se tornava um remédio para "fechar o corpo" — e, então, poderia ser tomada sem pecar.

Estava criado o costume do Fecha Corpo, que perdura até hoje, sendo que o Fecha Corpo do Supermercado Colorado é o mais antigo da cidade. Já existiram outros, como o do Técão Faria, mas este deixou de existir com o falecimento do patrocinador.

E foi neste movimentado Fecha Corpo que aconteceu o causo que descrevo abaixo:

Numa Sexta-Feira Santa, do início do milênio, o Fecha Corpo do Téco estava animado. Turistas que passavam pelo local pararam e perguntaram ao conhecido personagem Gandola o que significava aquela reunião de gente tomando aquela mistura.

Ele respondeu que a mistura que eles tomavam era um santo remédio para muitos males.

— Que males? — perguntou uma das interessadas.

— Ah! — respondeu o Gandola — pra mim é um excelente remédio contra a vontade de trabalhar. Imagina a senhora que justamente hoje, Dia Santo, eu acordei com uma baita vontade de trabalhar, mas foi só tomar dois goles do Fecha Corpo que essa vontade terrível sumiu na mesma hora!

AM 1430 KHZ
RÁDIO SERRA NEGRA
13h às 19h - Super Tarde com o Comunicador Pedro Giovani,
39 anos falando no seu rádio!
14h30 - Repórter Policial
16h30 - Especial Super Tarde 2
17h00 - Ranchinho da Saudade - sertanejo
Classe A, com o curral dos animais e a visita dos passarinhos na janela do Ranchinho
18h00 - Ave Maria
OUÇA - www.radioserranegra.com.br
Ligue: (19) 3892-1125

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Força que vem da dor

Nenhuma mãe deveria perder um filho. Nada pode definir a dor que essa mãe sente. Ficamos viúvas quando perdemos o marido, fica órfão alguém que perde os pais. Mas e a mãe que perde seu filho? Não há nome, porque talvez não haja dor maior. É como se o universo silenciasse diante de tamanha injustiça.

A mãe que perde um filho, vê o mundo ruir enquanto tudo à sua volta continua rodando. A ausência que grita no quarto vazio, no lugar na mesa, no som da voz que não ecoará novamente pela casa gritando "manhêee". Para seguir, imagino que seja preciso uma força que a maioria de nós nem sabe que existe. Uma força que não é de levantar pesos, mas de erguer o próprio corpo todos os dias, e colocar seu coração de volta no peito, mesmo em pedaços.

Essa crônica é uma homenagem ao Leo, que com apenas 17 anos, foi chamado de volta. Um menino com tanto a viver, com sonhos lindos, namorada linda (Annita), planos, risos guardados no olhar. Leo agora é saudade em forma de lembrança; é presença que se sente sem ver; é amor que ultrapassa as barreiras da vida.

Homenagem também à Elaine, Marisa, Leila e tantas outras mães que tiveram que se reinventar e encontrar forças na dor.

Desejo, do fundo do coração, que todas as mães que enfrentam a mesma dor encontrem essa força silenciosa, quase invisível, que brota entre as lágrimas. A força de continuar, mesmo que tudo dentro diga para parar. A força de lembrar com amor, mesmo que a saudade doa como lâmina. A força de seguir, não porque se esqueceu, mas justamente porque o amor continua, e sempre continuará.

A dor da perda nunca desaparece. Talvez mude de forma e fique guardado numa faixa do disco do coração e, às vezes, volte a pulsar forte. Esse amor acaba virando uma ponte entre o aqui e o além. E Leo, assim como todos os filhos que partiram cedo demais, vivem nas memórias, nos sorrisos contidos e nas orações sussurradas.

À todas as mães que choram a ausência de um filho, desejo força. Mas não aquela força qualquer. Desejo uma força feita de amor, de lembrança viva, de coragem em continuar.

Que o Leo, o Antônio e tantos outros que partiram cedo desta vida, sejam luz. E que essa luz ilumine o caminho de quem ficou.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

A festa e as muitas nações do Brasil

A programação da "Festa das Nações", aqui em Serra Negra, foi um verdadeiro passaporte carimbado em tempo recorde. Da Itália, vieram as massas que nos fazem suspirar; da China, o dragão que serpenteava entre os curiosos; dos Estados Unidos, o rock'n'roll que embalou muitos corações serranos; e da Rússia, bem... digamos que a vodka ficou para uma próxima.

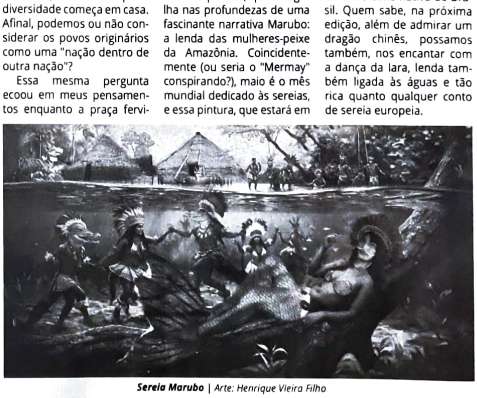
Uma bela salada de culturas, sem dúvida. Mas confesso que senti falta de um item no cardápio, de uma apresentação no palco. Imaginem só: depois do grupo de tarantella e antes da banda de blues, um círculo de dançarinos guaranis e o ritmo tribal. Ou então, no lugar da barraca de pastel, uma tenda oferecendo panqueca de mandioca e um bom chimarrão, cortesia da "nação guarani-kaiowá". E por que não um espaço para apreciarmos a arte plumária da "nação xinguana", tão rica e expressiva quanto qualquer pintura renascentista?

Quem sabe, para uma próxima edição, a festa inclua um toque ainda mais brasileiro, mostrando que a diversidade começa em casa. Afinal, podemos ou não considerar os povos originários como uma "nação dentro de outra nação"?

Essa mesma pergunta ecoou em meus pensamentos enquanto a praça fervilhava com ritmos e sabores de além-mar. E talvez essa pequena "pulga atrás da orelha" tenha sido, de certa forma, um catalisador para as recentes exposições que tivemos aqui na Residência Artística. Primeiro, "Um Passeio pelas Cores do Mundo", onde minhas telas buscaram homenagear diversas culturas através da linguagem universal das cores. Mas logo senti que faltava um olhar mais atento para as cores que tingem a nossa própria história, para as formas que expressam a alma da nossa terra. Foi assim que nasceu a exposição "Cores da Terra, Formas da Alma: A Expressão Indígena em Serra Negra", uma imersão na riqueza da cultura indígena brasileira, que teve a honra de receber a inspiradora ativista Kena Marubo. Seus relatos e sua força foram como um pincel guiando minhas mãos, dando vida a novas obras, apoiadas pelos editais da Lei Aldir Blanc. Uma dessas obras retrata a força de Lindóia, figura emblemática da nossa literatura. E outra, ainda em fase de finalização, mas que em breve estará disponível ao público, que mergulha nas profundezas de uma fascinante narrativa Marubo: a lenda das mulheres-peixe da Amazônia. Coincidentemente (ou seria o "Mermay" conspirando?), maio é o mês mundial dedicado às sereias, e essa pintura, que estará em destaque em nossa próxima exposição no dia 30, celebra essa conexão mágica entre o mundo aquático e o imaginário popular.

As narrativas dessa cosmogonia Marubo, tão ricas em detalhes, e que são ensinadas às crianças em forma de canto pelo Romeyá, o xamã, me transportaram para um universo de visões e transformações. Vimi Peya, o herói mítico da cultura Marubo, em sua jornada ao mundo das águas, desposa as encantadoras mulheres-peixe Machin Mashe e Machin Rani, aprendendo os segredos dos rios, onde a tribo de homens-jacarés lhe ensinaram a arquitetura das malocas (habitações de palha), a desenhar os kenes (grafismos tribais para pintura corporal e adornos artesanais) das águas e os segredos medicinais das plantas, tornando-se um sacaca (curandeiro).

Confesso que enquanto pincelava as escamas brilhantes dessas sereias da Amazônia, imaginava como seria interessante se a "Festa das Nações" abrisse espaço para essas narrativas ancestrais, para esses cantos que ecoam a alma nativa do Brasil. Quem sabe, na próxima edição, além de admirar um dragão chinês, possamos também, nos encantar com a dança da lara, lenda também ligada às águas e tão rica quanto qualquer conto de sereia europeia.



***Sereia Marubo** | Arte: Henrique Vieira Filho*

Por Henrique Vieira Filho

A festa e as muitas nações do Brasil

A programação da "Festa das Nações", aqui em Serra Negra, foi um verdadeiro passaporte carimbado em tempo recorde. Da Itália, vieram as massas que nos fazem suspirar; da China, o dragão que serpenteava entre os curiosos; dos Estados Unidos, o rock'n'roll que embalou muitos corações serranos; e da Rússia, bem... digamos que a vodka ficou para uma próxima.

Uma bela salada de culturas, sem dúvida. Mas confesso que senti falta de um item no cardápio, de uma apresentação no palco. Imaginem só: depois do grupo de tarantella e antes da banda de blues, um círculo de dançarinos guaranis e o ritmo tribal. Ou então, no lugar da barraca de pastel, uma tenda oferecendo panqueca de mandioca e um bom chimarrão, cortesia da "nação guarani-kaiowá". E por que não um espaço para apreciarmos a arte plumária da "nação xinguana", tão rica e expressiva quanto qualquer pintura renascentista?

Quem sabe, para uma próxima edição, a festa inclua um toque ainda mais brasileiro, mostrando que a diversidade começa em casa. Afinal, podemos ou não considerar os povos originários como uma "nação dentro de outra nação"?

Essa mesma pergunta ecoou em meus pensamentos enquanto a praça fervilhava com ritmos e sabores de além-mar. E talvez essa pequena "pulga atrás da orelha" tenha sido, de certa forma, um catalisador para as recentes exposições que tivemos aqui na Residência Artística. Primeiro, "Um Passeio pelas Cores do Mundo", onde minhas telas buscaram homenagear diversas culturas através da linguagem universal das cores. Mas logo senti que faltava um olhar mais atento para as cores que tingem a nossa própria história, para as formas que expressam a alma da nossa terra. Foi assim que nasceu a exposição "Cores da Terra, Formas da Alma: A Expressão Indígena em Serra Negra", uma imersão na riqueza da cultura indígena brasileira, que teve a honra de receber a inspiradora ativista Kena Marubo. Seus relatos e sua força foram como um pincel guiando minhas mãos, dando vida a novas obras, apoiadas pelos editais da Lei Aldir Blanc. Uma dessas obras retrata a força de Lindóia, figura emblemática da nossa literatura. E outra, ainda em fase de finalização, mas que em breve estará disponível ao público, que mergulha nas profundezas de uma fascinante narrativa Marubo: a lenda das mulheres-peixe da Amazônia. Coincidentemente (ou seria o "Mermay" conspirando?), maio é o mês mundial dedicado às sereias, e essa pintura, que estará em destaque em nossa próxima exposição no dia 30, celebra essa conexão mágica entre o mundo aquático e o imaginário popular.

As narrativas dessa cosmogonia Marubo, tão ricas em detalhes, e que são ensinadas às crianças em forma de canto pelo Romeyá, o xamã, me transportaram para um universo de visões e transformações. Vimi Peya, o herói mítico da cultura Marubo, em sua jornada ao mundo das águas, desposa as encantadoras mulheres-peixe Machin Mashe e Machin Rani, aprendendo os segredos dos rios, onde a tribo de homens-jacarés lhe ensinaram a arquitetura das malocas (habitações de palha), a desenhar os kenes (grafismo tribais para pintura corporal e adornos artesanais) das águas e os segredos medicinais das plantas, tornando-se um sacaca (curandeiro).

Confesso que enquanto pincelava as escamas brilhantes dessas sereias da Amazônia, imaginava como seria interessante se a "Festa das Nações" abrisse espaço para essas narrativas ancestrais, para esses cantos que ecoam a alma nativa do Brasil. Quem sabe, na próxima edição, além de admirar um dragão chinês, possamos também, nos encantar com a dança da lara, lenda também ligada às águas e tão rica quanto qualquer conto de sereia europeia.

Sereia Marubo | *Arte: Henrique Vieira Filho*